

Possíveis Passados: representações da Idade Média no ensino de História*

Marcello Paniz Giacomoni**

O objeto desta comunicação é fruto do projeto de pesquisa intitulado “Ensino de História, medievalismo e etnocentrismo”, sob concepção e orientação do Professor Dr. Nilton Mullet Pereira, sendo que minha atuação institucional operou-se como bolsista de iniciação científica BIC/UFRGS, durante os anos 2007 e 2008.

A pesquisa examinou publicações didáticas de História, a fim de compreender de que maneira tem se reproduzido o olhar lançado por renascentistas e iluministas sobre a civilização medieval. A partir da perspectiva foucaultiana, a pesquisa opera com o conceito de “dispositivo de medievalidade”, concebido como um conjunto de práticas discursivas e não discursivas que estabelecem verdades e qualificam/validam modos de olhar para o passado medieval. Um dispositivo encerra um determinado conjunto de formas de dizer e de fazer, circunscritas em uma época e espaço definidos, numa dada sociedade. Esse conjunto se revela como uma máquina que estabelece o que pode ser dito e o que pode ser pensado.

Historicamente é possível situar o aparecimento do dispositivo de medievalidade em dois momentos distintos, o início da época moderna e o início do período contemporâneo. Esses dois momentos foram marcados por dois acontecimentos bastante significativos na formação do Ocidente, a Renascença e o Iluminismo. Um e outro olharam para a Idade Média de maneira preconceituosa, mas com duas urgências distintas. Os primeiros, os humanistas da Renascença, parecem ter sido movidos por um desejo incontido de retorno às origens Clássicas. Ao mesmo tempo, o passado medieval recente e à disposição gerava-lhes pânico em razão das crises de pestes e fome. Em todo caso, pensar historicamente um renascimento exigia a criação de um estado intermediário de cegueira, irracionalidade e de incapacidade criativa. Os segundos tomaram o passado medieval como uma escora, um “outro”, para pensar a noção de progresso e de evolução e para determinar a Revolução Francesa como o momento da grande ruptura do homem com o misticismo e a irracionalidade, com os crimes e com a barbárie. Eles afirmaram ter chegado, enfim, no estado adulto, na Idade da Razão.

* O resultado completo desta pesquisa encontra-se publicado na forma de um livro: PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. **Possíveis Passados: representações da Idade Média no ensino de História**. Porto Alegre: Zouk, 2008.

** Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestrando CAPES em História Antiga nesta mesma instituição.

Chegando a nossos dias, esse dispositivo de medievalidade se atualiza nos livros didáticos, uma vez que o modo como olhamos para a Idade Média vem sendo construído desde longa data através de discursos políticos, científicos e historiográficos. Isso nos permite afirmar que o modo como olhamos para a Idade Média, desde um olhar Iluminista, tem sido constituído no interior de um jogo de um dispositivo pedagógico, típico das instituições escolares, e um dispositivo de medievalidade que ultrapassa, ao largo, o discurso veiculado pelos livros didáticos sobre a Idade Média.

O dispositivo situa-se, como já citado, na fronteira entre o dito e o não dito, entre o que pode e o que será pensado. Se tomarmos o exemplo comum da peste, percebemos como esse sistema de olhar age. O tema da peste existe em diversos períodos da história humana: fora um problema permanente no mundo antigo, pondo muitas vezes as cidades em risco de extinção, como narra Tucídides (II, 53), que a considera um mal tão terrível quanto a guerra entre concidadãos (*stásis*); durante a Idade Média, ela é mais marcante durante o século XIV, devido principalmente à epidemia da Peste Negra; ao longo da Idade Moderna, com o crescimento das cidades, surtos de varíola, por exemplo, eram extremamente comuns. Mesmo percebendo que epidemias existiram muito para além da Idade Média, é tocante que esse tema sempre surge afixado à realidade medieval. Tal ocorre pela agência de um dispositivo, que clareia e omite, segundo suas relações de interesses e poder assim o permitem e determinam.

Descrevo, para facilitar a visibilidade do dispositivo, três enunciados de leitura como forma de organizar os principais traços presentes nos manuais: negatividade, generalização e contraste.

Sobre os dois últimos, creio que sejam necessárias algumas considerações.

A sociedade iluminista contemporânea constitui-se pelo contraste, pela construção de um Outro que lhe é estranho, estrangeiro e ameaçador, sobretudo, é um Outro que é moral e racionalmente inferior. Neste caso, a Idade Média serviu como o antagonista, espaço da obscuridade em contraposição ao pensamento das luzes. Na medida em que estabelece o jogo do certo e do errado e considera o presente como o lugar da verdade mais verdadeira e o passado como um acúmulo de erros, tal prática deixa de olhar para as diferentes experiências temporais e culturais como singularidades, como espaços nos quais os homens produziram sua vida conforme os problemas e as soluções disponíveis na sua época.

Já a prática da generalização parece ser uma característica quase essencial do ensino, particularmente, do ensino de história. Em nome dela, muitas especificidades são perdidas; e,

em nome dela, professores e autores de livros didáticos acabam afirmando uma história coerente e lógica, sem fissuras, sem acidentes, sem contingências. A generalização tem se sustentado na noção de que os estudantes do ensino fundamental possuem pouca possibilidade de contemplar uma história de conflitos e dissensos. Aos estudantes seria necessário oferecer um conteúdo pronto e acabado, conceitos sem história e história sem transformações. Um exemplo importante é o conceito de feudalismo.

Dispositivo na prática

Em três levantamentos, de três diferentes momentos da produção didática brasileira, foi possível perceber diferentes formatos para a representação do mundo medieval. Comum a todos, entretanto, é a presença das formas discursivas do “dispositivo de medievalidade”. Por motivos de espaço, farei apenas uma breve descrição de cada recorte, com uma ou duas citações visando elucidar a proposta, quando pertinente.

O primeiro recorte remonta a publicações da primeira metade do século XX, que tratam, em geral, da condenação da Idade Média, além de um enfático discurso ressaltando os atributos da Igreja Católica na sua atividade de conversão dos “bárbaros” e da manutenção da ordem em uma época de caos. Os livros didáticos procuram proteger a Igreja e afirmar a importância desta instituição para a sobrevivência da própria civilização. Percebemos que o forte contraste entre a ação positiva da igreja frente a uma realidade caótica e cruel acaba por denotar elementos de negatividade ao período como um todo, principalmente pela prática do contraste:

Por toda parte eles são vistos [mosteiros beneditinos], verdadeiros centros de luz, esforçando-se por manter e elevar o nível de cultura, velando por que se conservasse um rudimento de instrução elementar, espalhando as artes úteis, multiplicando os livros e construindo fundos de biblioteca, oferecendo ao mundo o espetáculo de uma verdadeira armadura social.

Durante oito séculos o sistema monástico europeu constituiu um sistema de ilhotas de luz no que, doutra forma, não teria sido senão um mundo inteiramente caótico. (SILVA, 1937: 51)

A Igreja dominava então a sociedade leiga; contrapondo-se, por sua ação caridosa ao despotismo dos senhores e soberanos, seu prestígio crescia: naquele tempo, só ela se preocupava com o amparo dos fracos, a proteção dos pobres, a fundação de hospitais, o resgate dos prisioneiros. A ciência, as letras, as artes quase não tinham cultores senão no clero que, em suas escolas, ensinava o latim, elementos de retórica, matemática e música; e era nos conventos que se recopiavam os manuscritos e se escreviam as crônicas. (SILVA, 1937:106)

Um segundo olhar também deprecia a Idade Média através, principalmente, da crítica à Igreja, a grande “Senhora Feudal” da Europa nos tempos medievais. Resultado do encontro da historiografia marxista com a produção didática, a Igreja passara a ser representada como o pilar de sustentação de uma sociedade cruel e opressora. Além disso, a existência de uma grande quantidade de silêncios, como por exemplo, a tendência de pouco revelar os traços culturais profanos do mundo medieval, parecendo a cultura do medievo ser um traço apenas visível na sua relação com a Igreja. Desta forma, é marcante a generalização da realidade, pintada diretamente como negativa:

Como a produção feudal era uma produção para o consumo, a Igreja proibia o lucro e a usura, e a sua palavra era a lei. Tudo no feudalismo se relacionava com Deus. O teocentrismo dominava toda a cultura medieval. Todo o pensamento fluía da Igreja. Era ela que monopolizava a cultura e a educação.

(. . .) a política e a ideologia estavam articuladas com a economia na medida em que contribuía para garantir o domínio dos senhores feudais sobre os servos (PEDRO, 1978: 95).

Uma análise dos livros aprovados pelo PNL 2008, demonstra como ainda persiste, em boa medida, uma leitura do medievo centrado na Europa esclarecida, conservando, de maneira muito mais velada, o preconceito acerca da Idade Média, principalmente com práticas de contraste e generalizações. Sendo o medievo o antagonista, espaço da obscuridade em contraposição ao pensamento das luzes, negar a Idade Média significa afirmar a sociedade burguesa iluminista como a referência de uma sociedade adulta e racional. A Idade Média, nesta lógica, foi reduzida à situação de uma “infância das nações”. Nas generalizações, persiste a confusão conceitual onde o feudalismo define e se confunde com Idade Média; o feudalismo é o começo, o meio e o fim do mundo medieval, de maneira que o estudo da Idade Média resume-se ao aparecimento e à decadência do feudalismo.

Entretanto, estes novos livros didáticos também apresentam um terceiro olhar sobre a Idade Média, que parece estar muito mais próximo das pesquisas historiográficas. As publicações parecem ter se voltado para a pluralidade das condições de vida na civilização medieval, ao invés de salientar apenas o papel da Igreja, das guerras e da peste. Percebemos, por exemplo, tentativas de superar práticas como a da generalização e do contraste:

(. . .) não iremos tratar de situações particulares que, mesmo no interior da região que demarcamos, possam exemplificar diferenças específicas entre as práticas feudais de uma ou de outra localidade. Como já dissemos, trataremos somente de questões globais relacionadas às formas de trabalho e às relações sociais daí decorrentes.

(. . .) não significa dizer, como as vezes se ouve, que o feudalismo tenha sido um sistema social caracterizado pelo atraso. Como tantos outros, ele foi um sistema social de um tempo e lugar específicos. (. . .) nem melhor, nem pior, apenas diferente. (MARINO e STAMPACCHIO, 2005: 113-114)

Forma de visualizar o olhar referencial em diversas realidades

A proposta desta pesquisa não resume a sua crítica apenas ao modo como temos olhado para o medievo, a partir das referências iluministas. Ele se propõe a ser, de alguma forma, um veículo capaz de incentivar a crítica ao olhar eurocêntrico lançado sobre os africanos, os indígenas, os orientais e uma série de outros povos e culturas, julgadas conforme os modelos de civilidade impostos pela Europa Esclarecida.

Ou seja, o professor precisa estar ciente da multiplicidade de “outros” apreendidos pelo olhar referencial ocidental, para assim perceber a existência de uma quantidade muito maior de “Idades Médias” transitando pelos discursos na sociedade e no ensino. Afinal de contas, desde a época moderna, os europeus utilizaram toda a sorte de metáforas medievalísticas para marcar a identidade dos povos conquistados.

Segundo Le Goff (*História e Memória*), “os africanos perpetuavam de maneira imemorial os primitivos. Os árabes e os asiáticos, por sua vez, descobrem-se aplicando todo tipo de metáforas medievalísticas, especialmente o vocabulário da cavalaria e da feudalidade. Colonizando esses primitivos e esses feudais, nós lhes demos as Luzes e os acordamos de seu longo sono medieval”.

Referências (manuais citados)

MARINO, Denise Mattos & STAMPACCHIO, Léo. **Série Link do tempo** - História (7ª série). São Paulo: Escala Educacional, 2005.

PEDRO, Antonio. **História Geral**: Pré-história, Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, Idade Contemporânea: 2º Grau [Por Antonio Pedro e Florival Cáceres]. São Paulo, Ed. Moderna, 1978.

SILVA, Joaquim. **História da Civilização – para o primeiro ano ginasial**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.